

# MALAIKA



KÊNIA PATRÍCIA ARAÚJO

PPGEEB/CEPAE -UFG

## ESCALA DE AUTOCONCEITO (Adaptação)

### (Piers-Harris Children's Self-Concept Scale 2)

**INSTRUÇÕES:** Leia cada uma dessas afirmações, com o auxílio de sua professora e veja se concorda com elas. Marque um X no quadrinho de sua resposta. **Responda, por gentileza, a todas as perguntas, mesmo que em relação a algumas, seja difícil se decidir.** Por favor, não marque duas alternativas na mesma frase. As informações que você der aqui serão utilizadas apenas pela pesquisadora e não serão divulgadas. Lembre-se de que não há respostas certas ou erradas. Só você pode dizer o que acha de si mesmo(a), por isso esperamos que responda de acordo com o que realmente sente.

Nome: _____				
Idade: _____		Cor: ( ) preto ( ) branco		Data de avaliação: ___/___/___
Sexo: ( ) Mas. ( ) Fem.		( ) pardo ( ) amarelo		Série e Turma: _____
( ) indígena				
1.	Sofro ou sofri bullying.	sim	às vezes	não
2.	Sou uma pessoa feliz.	sim	às vezes	não
3.	Gosto de ser como sou.	sim	às vezes	não
4.	Aceito-me do jeito que sou. (cabelo, traços, personalidade)	sim	às vezes	não
5.	Fico nervoso(a) quando o professor me faz perguntas.	sim	às vezes	não
6.	Fico preocupado(a) quando temos testes na escola.	sim	às vezes	não
7.	Tiro boas notas na escola.	sim	às vezes	não
8.	Sou um membro importante da minha família.	sim	às vezes	não
9.	Desisto facilmente.	sim	às vezes	não
10.	Faço bem os meus trabalhos escolares.	sim	às vezes	não
11.	Sou lento(a) para terminar trabalhos escolares.	sim	às vezes	não
12.	Sou capaz de me destacar bem na turma.	sim	às vezes	não
13.	Na escola estou distraído(a) pensando em outras coisas.	sim	às vezes	não
14.	Preocupo-me muito.	sim	às vezes	não
15.	Sinto-me excluído e ignorado pelos meus colegas de escola.	sim	às vezes	não
16.	Tenho o cabelo bonito.	sim	às vezes	não
17.	Gostaria de ser diferente daquilo que sou.	sim	às vezes	não
18.	Odeio a escola.	sim	às vezes	não
19.	Vejo pessoas parecidas comigo na TV e nas revistas.	sim	às vezes	não
20.	Tenho muitos amigos.	sim	às vezes	não
21.	Sou feliz.	sim	às vezes	não
22.	Sou bonito(a).	sim	às vezes	não
23.	Costumo me envolver em brigas.	sim	às vezes	não
24.	Já saí da sala para abaixar o volume do meu cabelo no banheiro.	sim	às vezes	não
25.	Esqueço o que aprendo.	sim	às vezes	não
26.	Gosto de aprender.	sim	às vezes	não
27.	Tenho medo muitas vezes.	sim	às vezes	não
28.	Sou diferente das outras pessoas.	sim	às vezes	não
29.	Choro facilmente.	sim	às vezes	não
30.	Sou uma boa pessoa.	sim	às vezes	não

*Obrigada por participar desta pesquisa. Seus dados e suas respostas serão utilizados apenas pela pesquisadora levantar dados de como as pessoas da sua sala se sentem consigo mesmas e não serão divulgadas individualmente para pais, professores ou coordenação.*

# Capítulo 1



Malaika molha seu cabelo crespo pela milésima vez na torneira do banheiro, tentando abaixar um pouco o volume, o restinho de química dos vários alisamentos ao longo dos anos havia saído quase totalmente e este novo cabelo, seu cabelo natural, ela ainda não reconhecia. A menina ajeita o diadema e vai para a sala, coloca sua mochila nas costas e respira fundo antes de abrir o portão para andar até sua nova escola, que fica a quatro quarteirões apenas da sua também nova casa. Vai até o portão e volta resmungando para pegar sua máscara que havia esquecido.

— Droga de pandemia! – pensa alto a garota, entrando apressada em casa.

— Esqueceu a máscara, gatinha? – pergunta sua mãe sorrindo e ajeitando os longos cabelos vermelhos em um apertado rabo de cavalo.

A menina responde com uma careta, pega a bendita máscara e sai mais rápido do que um foguete, enquanto encaixa os elásticos da máscara atrás das orelhas.

A garota terá hoje sua primeira aula presencial na escola do bairro para o qual se mudou com a mãe adotiva no começo do ano. Ela anda de cabeça baixa, perdida em seus pensamentos. A testa enrugada mostra que seja lá o que se passa em sua cabeça não é nada agradável.

Malaika é uma garota negra de 11 anos, gordinha e baixinha. Seu cabelo é crespo e volumoso, com fios cor de bronze que já a fizeram, muitas vezes, ser chamada de “sarará” pelos lugares por onde passou. Superimaginativa e criativa, às vezes, sentia-se protagonista de filme da televisão, em outras, a antagonista e, em outras, sentia-se uma figurante sem fala na própria vida, como agora.

Seus lábios são grossos, iguais a esses que estão na moda nas pessoas adultas e famosas, mas que, nas escolas onde ela passou, eram mais criticados que elogiados e seus dentes são bem brancos e certinhos. Sua pele negra é cor de chocolate e seus olhos são escuros e arredondados.

Ela está com medo de como será seu sexto ano nessa escola. Medo de passar por várias coisas que já passou ao longo da sua vida escolar: *bullying*, agressões físicas, *cyberbullying*, perseguições de colegas e até de professores. Seu coração está apertadinho.

Perdida em seus pensamentos, Malaika leva um susto quando, ao levantar seus olhos, dá de cara com o prédio da escola pública que irá estudar, bem na sua frente, e lê o nome escrito no muro.



— Que engraçado! – pensa ela – O nome da escola é o mesmo da minha avó materna, Maria Firmina.

Neste momento, imagens brotam em sua cabeça. Ela, ainda pequena, correndo e tropeçando para os braços da avó. Naquele tempo, ninguém nem sonhava com a pandemia e seus pais ainda estavam vivos.

— CHEGA! – pensa alto Malaika, espantando as lembranças antes que não conseguisse se controlar e a tristeza escorresse por seus olhos, como sempre acontecia quando se lembrava de sua infância, que parecia ter sido há tanto tempo, mas que nem havia terminado.

Ela puxa com força o ar pelo nariz, meio sufocada pela máscara com estampa de florzinha que continua usando mesmo após a vacinação de 70% da população brasileira, aguardando o momento em que todos estejam imunizados e ela, asmática desde pequena, não corra tanto perigo de ser infectada pela Covid-19. Entra de uma vez na escola nova, enfrentando seus medos e tremendo um pouquinho de ansiedade e de susto.

A menina chega à escola meio trêmula, muitos olham para ela e seu coração dispara como uma bicicleta descendo sem freios uma ribanceira.

Malaika tem uma autoestima muito baixa. Nunca sabe quando estão sendo amigos ou quando estão caçoando dela. Já foi maltratada tantas vezes que se fechou completamente para novas amizades. Seus pais foram umas das mais de 600 mil vítimas dessa terrível doença, a Covid-19, e ela ainda estava se recuperando, aos pouquinhos, de toda dor que esse vírus maldito lhe causara.

A menina anda pela escola, meio perdida, procurando alguma referência, alguém para quem pudesse perguntar qual era sua sala. Olhando para as paredes dos corredores começa a ver desenhos e gravuras coladas e nota que havia muitas fotos e figuras de pessoas negras de todas as idades.

Para quem não é negro ou atento, às vezes, passa despercebido, mas, como Malaika sentiu na pele o racismo e o preconceito, se acostumou a não se ver em nenhuma parte dos lugares que frequentava, sentindo-se, assim, mais isolada e com a autoestima cada vez menor.

Mas não é isso que vê agora. As paredes estão cheias de fotos e figuras de pessoas anônimas e famosas de todos os tons de pele possíveis. Algumas dessas pessoas ela nunca havia visto ou ouvido falar; já outras ela conhecia da tv ou dos jornais. A menina para em frente a um enorme cartaz de boas-vindas, enfeitado com uma foto grande de um casal que ela ama: Lázaro Ramos e Taís Araújo.

— Que legal! – fala alto sem perceber.

— Oi! Meu nome é Malu e o seu? – diz uma menina ao seu lado, matando-a de susto.

— O..Oi. – gagueja Malaika já toda tímida.

— Qual é o seu nome? – pergunta novamente a menina de tranças compridas com um olhar curioso.

Malaika finge que não ouve e continua olhando a foto toda retraída. Está cansada de sofrer *bullying* por causa do seu nome diferente. MALAIKA! Affffff. Onde sua mãe estava com a cabeça? Se ela queria dar-lhe um nome ligado às raízes africanas, poderia pelo menos ter escolhido um menos estranho.

E não adiantava sua madrinha, agora, mãe adotiva, explicar que haviam encontrado num dicionário de nomes africanos e que significava “anjo”. E daí? Isso alguma vez importou quando caçoavam dela chamando-a de MALA, MALUCA, MALÁRIA, ou seja lá o que mais inventassem para se divertir às suas custas? E o pior, os meninos de sua última escola tiveram o prazer de divulgar no jornalzinho do mural da escola que Malaika era um nome MASCULINOOO! Poxa! Além de esquisito, nem era nome de mulher! “Obrigada, mãe!” - pensa a menina enquanto procura um jeito de se livrar da intrometida de trancinhas amarelas.

Neste momento, toca o sinal e todos os alunos, inclusive a das trancinhas, correm para suas salas de aula, rindo, se empurrando e fazendo um barulho enorme.

A garota suspira aliviada por ter evitado, por mais alguns minutos, o constrangimento de sempre que seu nome lhe causava. Fica sozinha no corredor e, do outro lado, vê uma sala com a porta aberta escrito DIRETORIA e é para lá que ela vai.

Chega à porta e dá uma espiadinha para o lado de dentro. A sala está cheia de estantes com muitos livros, uma mesa com um vaso de plantas, um *notebook* e algumas cadeiras. De uma salinha dentro da sala maior sai um homem negro muito alto e bonito com uma máscara daquelas usadas em hospitais.

— Olá! Pois não, senhorita? Gostaria de falar comigo? – pergunta ele com a voz amistosa e meio distraída.

— Você é o diretor? Sou novata e não sei ainda qual é a minha sala. – explica Malaika com uma voz bem baixinha e envergonhada.

— Seu primeiro dia de aula e você veio sozinha? – estranha o diretor – Você é pequena ainda. Qual seu nome?

— Malaika Rocha Camargo Arantes e já tenho onze anos! – responde num fiozinho de voz meio desaforada.

— Tudo bem, senhorita Malaika de 11 anos. – responde ele sorrindo por debaixo da máscara – Meu nome é Arthur e, sim, eu sou o diretor. Agora, vamos procurar a coordenadora pedagógica, ela vai te mostrar sua sala, ok? Venha comigo!

— Gostei dele! – pensou Malaika um tantinho mais descontraída.

Os dois vão andando pela escola, enquanto o diretor mostra para a menina onde ficam as salas de aula, os banheiros, a cantina, até chegarem à sala da coordenação. Ele bate na porta, abre e eles sentem o ventinho gostoso vindo do ar-condicionado.

— Dandara, encontrei esta senhorita perdida pelos corredores, ou melhor, – emenda ele – foi ela quem me encontrou. Hehe. Você pode dar uma olhada no elenco para ver qual é a sala dela e levá-la até lá? Não vi Sara hoje.

— Claro, Arthur! Com todo prazer. – responde a coordenadora – Lembra que te mandei mensagem no WhatsApp falando que Sara não viria hoje, porque fez uma cirurgia no dente? Hoje estou na coordenação pedagógica e disciplinar.

Enquanto isso, Malaika está parada de boca aberta olhando para Dandara. Encara, sem conseguir disfarçar, os cabelos crespos e volumosos bem cheios da coordenadora, tão parecidos com os seus, mas bem mais altos, emoldurando sua cabeça. “Será que ela não tem vergonha de tanto volume?” – pensa a menina com curiosidade e admiração.

Sua roupa também é bem colorida, assim como suas pulseiras, seus colares e seus brincos com a palavra **NEGRA** gravada, até a máscara dela é cheia de cor. Ela parece saída de





uma daquelas revistas de moda. Sua pele é negra em um tom mais escuro que o da menina, seus olhos com lápis e rímel olham curiosos e tranquilos enquanto Malaika a examina.

— Olá! Você deve ser Malaika. Prazer, sou Dandara, a coordenadora pedagógica.

— Isso. Sou eu. — diz a menina sem graça por ter encarado Dandara por tanto tempo.

— Amei o seu nome, Malaika! Parece título de música de tão bonito! — fala cheia de sinceridade.

A garota que não esperava por aquilo franze as sobrancelhas numa clara atitude de desconfiança e resmungo:

— Hum.

— Seu nome tem origem africana, não é? O som é muito lindo. — continua Dandara.

— Sim. Minha madrinha, quer dizer, minha mãe, diz que significa “anjo”, mas não é nome de menina. — abre-se um pouco mais Malaika, deixando escapar sua indignação com este nome que todos consideram tão estranho.

— Mas isso de nome de menino ou de menina é muito relativo, Malaika. Vários nomes são usados tanto para homens como para mulheres. Eu mesma tenho uma grande amiga que se chama Dairan. Um dia, olhando o Facebook, ela achou um rapaz com o mesmo nome. Ela até mandou mensagem para ele, porque nunca conheceu nenhuma Dairan ou nenhum Dairan além dela. — sorri a coordenadora.

— Sério? Que legal! Eu nem sei se existe alguém com o mesmo nome que eu, coordenadora.

— Quando você tiver um tempo, dê uma olhada na *Internet*. Às vezes, achamos que somos tão estranhos e diferentes, mas, quando olhamos para o lado, tem um monte de gente igualzinha a nós e sentindo-se estranhos e diferentes também, não é? Vamos lá conhecer sua sala?

— Vamos. — disse Malaika já sentindo a conhecida e velha ansiedade esfriando sua barriga. Não queria ir. A conversa estava tão boa. E o medo de conhecer os futuros colegas era enorme.

As duas saem da coordenação, atravessam o pátio da escola, sobem dois lances de escada, indo até a última porta da direita. Lá fica o sexto ano C onde Malaika passará quase todas as manhãs do seu ano letivo.

Dandara bate de leve na porta e aguarda. Alguns segundos depois, a porta é aberta e a professora, uma senhora também negra e de olhos negros e curiosos, as recebe.

— Professora Bete, esta é Malaika, a nova aluna do sexto ano. — diz a coordenadora Dandara.

— Bem vinda, Malaika. — diz a professora Bete, abrindo a porta para que a menina entre na sala.

Dandara se despede e volta para suas tarefas, torcendo para que a menina se sinta em casa na Escola Municipal Maria Firmina dos Reis. Há muitos anos, ela e uma grande parte dos professores vêm lutando para transformar a realidade da escola com projetos e materiais voltados a uma educação para a diversidade, com postura totalmente antirracista como pede a famosa Lei 10.639/03, que instituiu o ensino da História e Cultura Africana na educação brasileira. Tarefa nada fácil, mas muito necessária.

A menina entra na sala e a primeira pessoa que vê em uma das carteiras do meio, sorrindo e dando tchauzinho toda animada, é a tal da garota das trancinhas que tinha falado com ela mais cedo. Malaika abaixa o rosto e mais envergonhada ainda, olhando para o chão, vai se encaminhando para última carteira, onde pretende se sentar e torcer para que apareça um buraco negro que possa engoli-la ou uma nave alienígena que a abduza para outro planeta. Seu rosto está quente de vergonha e medo, caminha para o fundo da sala e desvia das mochilas no chão, entre as fileiras.

“Meu Deus!” — pensa a menina “Essas carteiras não acabam mais e esse tanto de coisa no chão. Aiai. Sou tão desastrada que só falta me estabacar no chão!”.

O silêncio é enorme e ela sente todos os olhares voltados para ela, como se fosse uma dessas cantoras de um grupo de K-pop que ela ama, mas que devem ser muito tranquilas ao sentirem tantos olhos em cima delas sem tropeçarem ou caírem do palco.

“Espero que eu não tropece, espero que eu não tropece.” — pensa Malaika enquanto passa por aquele tanto de coisa no chão. Mas, parece que quanto mais a gente quer que algo não aconteça, maior a probabilidade de acontecer.

Quando está quase chegando na carteira do fundão que estava de olho, leva um baita tropeção e sai pisando em todas os objetos no caminho e “catando cavaco”, como dizia sua avó, até aterrissar de joelhos em cima de uma mochila do grupo coreano, Blackpink.



Malaika fica tão nervosa que seus olhos se enchem de lágrimas enquanto espera a gargalhada que, com certeza, começaria depois desse mico, ou melhor, “king kong”, que acabou de pagar logo no primeiro dia de aula.

Mas, em vez disso, a dona da mochila em que caíra em cima era justamente a garota das trancinhas. A professora e vários outros colegas correm para ajudá-la, segurando o riso, é verdade, mas preocupados e sem aquele ar de deboche que ela tanto temeu.

— Malaika, você está bem? – pergunta a garota da mochila, dando uma risadinha. – Desculpe-me, mas seu tombo foi muito engraçado. Parecia que você estava caindo em câmera lenta.

— Pior que foi isso que eu senti mesmo! – responde a menina com a bochecha queimando, saindo de cima da mochila e dando um sorrisinho amarelo.

— Machucou, Malaika? – pergunta a professora com os olhos cheios de preocupação – Ainda bem! – disse ela depois de ver a menina balançar a cabeça negativamente. – Pode sentar ao lado da Maria Luísa.

Malaika não queria se sentar perto da menina tagarela, mas achou melhor obedecer rapidinho para que parassem de olhar para ela, antes de correr o risco de se estabacar de novo igual a um mamão maduro caindo do pé.

Pelos cantos dos olhos, vê a turma comentando algo e olhando para ela. Sussurros falando seu nome chegam bem baixinhos aos seus ouvidos.

“Aiai. Já começou o estresse com meu nome!” – pensa a menina enquanto ajeita a máscara torta e revira discretamente os olhos.

— Como eu estava dizendo, turma, todos nós temos nossas origens e nosso nome pode dizer muito sobre ela e sobre quem somos. Como nesse capítulo estamos estudando sobre nossa identidade, passarei uma atividade de casa para vocês trazerem para mim amanhã. – prossegue a professora Bete, em sua aula. Pesquisem na *Internet*, com seus pais, e escrevam em seu caderno:

<b>Origem do meu nome:</b>
<b>Significado do meu nome:</b>
<b>Por que o escolheram para mim:</b>


# Capítulo 2

Malaika acorda no outro dia bem cedo, antes do despertador, e fica pensando em como foi diferente do que ela imaginou o seu primeiro dia de aula e em como passou bem rápido. Lembra que anotou a atividade de Língua Portuguesa da professora Bete em seu caderno e ficou quieta no seu canto. Reparou que Maria Luíza, ou Malu, como a menina gostava de ser chamada, de vez em quando a encarava e seus olhos sorriam. Bem, pareciam sorrir, porque a boca da menina continuava escondida pela máscara.

Malaika não se levantou em momento nenhum, nem na hora do recreio. Cabisbaixa, com vergonha até de olhar para o quadro, foi assim durante todas as aulas. Nesse dia, conheceu, além da professora de Português, também a professora de Artes, o professor de Ciências e a professora de Matemática.

A menina reparou que, em todas as aulas, os professores usaram alguma figura ou referência em que apareciam pessoas negras. Algo que nunca tinha visto na vida. “Que escola diferente!” – pensou admirada a menina jogando a coberta para o lado e pulando da cama.

Tomou banho e deixou os cabelos bem molhados, pingando água e creme. Ela sempre fazia assim. Quando a mãe perguntava, dizia que era por causa do calor. Ontem, reparou que, quando seu cabelo secou, ficou bem volumoso, mas não ouviu nenhuma das piadinhas idiotas que costumava ouvir sobre seu cabelo estar tapando o quadro.

— Será que a menina das trancinhas, Malu, vai falar comigo hoje de novo? Até que ela parece ser legal. – conversa sozinha enquanto se arruma.

Malaika, como sempre, passa bem longe do espelho. Odeia ver seu reflexo. Melhor ficar só com a imagem que ela imagina mesmo. Na cabeça dela, o cabelo fica quietinho, a barriga não faz dobrinha e ela é superdescolada com seu All Star azul e seu uniforme. Prende o cabelo bem apertado e penteia com a escova para nenhum fiozinho levantar.

— Nossa! O cabelo da coordenadora é bem mais alto que o meu. Mas sabe que o dela até fica legal. – conversa mais um pouquinho consigo mesma, enquanto puxa o cabelo com muita força que até os olhos ficam mais fechadinhos.

Pega a máscara que sua mãe encomendou para ela com personagens de um filme que ela ama, mas nunca usou com medo do que iam falar, e vai para escola.



— Tchau, mãe! Estou indo.

Quando chega na escola e os meninos veem sua máscara, Malaika se torna o centro das atenções. Por causa dessa pandemia, as máscaras viraram acessórios.

— Que massa, Malaika! Amei sua máscara. Amo esse filme. Sou muito fã do Pantera Negra. Onde você comprou? – pergunta Lorena, uma garota da sua idade, sentada em sua cadeira de rodas.

— Minha mãe mandou fazer algumas para mim com uma conhecida dela. – responde a menina surpresa por ser o centro das atenções sem que seja porque estão xingando-a ou querendo bater nela.

Malaika, muitas vezes, se sentiu o Chris, personagem odiado de um famoso seriado da televisão, que sempre acaba apanhando e se dando mal, principalmente, por ser negro.

— Vem, amiga. Vamos sentar ali comigo. – aparece Malu puxando-a pela mão. Hoje, a tagarela está com os cabelos soltos e lisos balançando para lá e para cá.

As duas se sentam em um banquinho do pátio e começam a conversar.

— O que você está achando da escola, Malaika?

— Olha, para falar a verdade, estou achando bem diferente das outras onde já estudei.

— Mas diferente para o bem ou para o mal? – interroga Malu.

— Acho que para o bem. – desconversa Malaika sem saber bem como falar para aquela menina como foram seus primeiros dias nas escolas pelas quais passou em que

ou era completamente ignorada pelos outros alunos, ou era zoada até chorar. Nessas escolas, foi chamada de vários apelidos racistas e humilhantes.

— Nas escolas onde estudei não via tantas professoras nem tantas fotos e murais nas paredes de gente parecida comigo. – completa o pensamento.

— Parecidas? Como assim parecidas? – pergunta Malu um pouco confusa.

— Assim, como eu. – tenta explicar Malaika.

— Calada? Baixinha? Negra? – tenta entender a nova amiga franzindo os olhos e puxando um pouco a máscara que parecia estar decapeando um pedaço da sua orelha.

— Sim. Sim. Sim.

— Ah, eu acho que entendi. Sempre estudei aqui, então não sei bem como é nas outras escolas, mas tenho uma grande amiga que me conta cada coisa que acontece com ela na escola onde estuda que me deixa morrendo de raiva. Não dá para acreditar!

— Pois é. – encerra o assunto Malaika, espantada consigo mesma em ter tido essa conversa com uma menina que acabara de conhecer. Um assunto que nem com sua mãe Gisele se sente à vontade para conversar.

— Bem, vamos para sala então. Hoje nossa primeira aula será de História com o professor Rafael e estou ansiosa pelo trabalho que ele disse que iria passar para a turma. Vem que eu vou te contando no caminho, Malaika!



O professor de História, Rafael, toma seu café com o pensamento longe, fica esperando que a alma volte para seu corpo, como dizem por aí, e pensando em tudo que lhe aconteceu no dia anterior.

Negro, baixo e magro, o jovem professor já enfrentou muita coisa em sua vida. Ainda mais por ser morador de um bairro considerado perigoso pela polícia de Goiânia, onde ficar “dando sopa” na rua, à noite, nem pensar e andar sem documento só se não quisesse voltar vivo para casa.

O professor sopra seu café, pelando, no copinho de plástico em que é servido. Os colegas conversam e falam bem alto. “Acho que já estamos todos meio surdos.” – pensa ele aleatoriamente.

Rafael pensa na felicidade que teve em encontrar uma escola como essa, que realmente tenta colocar em prática uma educação antirracista, apesar de alguns colegas professores acharem que falar sobre isso é bobagem e que o importante é cumprir o currículo e zerar o livro

didático. Ele tem total liberdade para ligar seus conteúdos, sejam eles culturais, históricos ou artísticos, aos assuntos atuais da comunidade negra.

Quando estudou, não teve a sorte que seus alunos têm nessa escola. Cansou de ser chamado de “Cirilo”, “Chris”, “Um maluco no pedaço” e outros xingamentos que não faz questão de repetir. Ele nunca era chamado pelo seu próprio nome. Além de ouvir as piadinhas mais racistas do mundo, quando reclamava com a coordenação, diziam para deixar de bobeira que o colega estava brincando, para não levar tudo tão a sério.

Pode parecer bobagem para quem não passa por isso, mas é muito doloroso para quem vive. Imagine não ter um segundo de paz na escola, ser zoadado o tempo todo, todo dia e por vários anos até conseguir sair da escola. Isso, se conseguir aguentar tudo sem partir para violência, porque, se um dia você perder a cabeça, ainda corre o risco de ser expulso e considerado um cara perigoso. Não é fácil, não.

Dentro da escola, o professor Rafael se sente querido, amado e respeitado. A escola não é perfeita, claro! Mas muitas pessoas se esforçam de verdade para conviver e aprender com as diferenças de cada um, e isso, aos poucos, gera bons resultados.

O sino bate, a sala dos professores se agita, mais ainda, se é que isso é possível. Cada professor pega seu material e se encaminha para sua sala. Outro dia começando na Maria Firmina.

— Vamos lá, né, gente! – fala Rafael, animado, ao dar o último gole no café, queimar a língua no copinho de plástico e o joga no bendito cesto da reciclagem, que sempre estava ali esperando o queimador de línguas.

Malu entra na sala arrastando Malaika pela mão. Está bem feliz porque finalmente conseguiu conversar com a menina nova que ela achou tão legal, mesmo que a novata não tenha aberto a boca direito, ela falou pelas duas.

Malaika lembra muito sua melhor amiga, Kátia, que se mudou para Espanha para morar com a mãe, que já estava lá. Elas continuavam se falando todos os dias, mas estavam sentindo falta de uma amiga que pudessem ver com frequência e dormir uma na casa da outra, ouvindo k-pop e assistindo a animes, como faziam antes.

Malaika senta em seu lugar, uma carteira ao lado de Malu, e o professor Rafael entra na sala todo estiloso com uma boina, calça jeans rasgada e um personagem amarelo bem conhecido estampado na camiseta. Pelo jeito, ele é o professor preferido da turma, Malu sorri para ele, a garota se esquece de que não dava para ver seus dentes por causa da máscara, mas parece que agora as pessoas já entendem o sorriso dos olhos, porque ele olha pra ela, dá um oi e seus olhos se apertam como os da aluna.

— Bom dia, turma! Como estão todos? – fala bem alto o professor, para chamar a atenção dos alunos e iniciar sua aula.

As duas aulas de História do professor passam voando, Malaika ri junto com a turma do jeito do professor explicar a matéria, ele sempre cita um caso atual divulgado pelas redes sociais e relaciona-o ao assunto e ao conteúdo da disciplina.

O professor era muito gente boa e só perdeu a paciência uma vez com um grupo de meninos sentados no fundão que olhavam para ele e para todos com olhar de deboche e faziam piadinhas bem preconceituosas, na visão de Malaika.

— Garotos, será que vocês não aprenderam nada nesses anos todos estudando na Maria Firmina? Não sei bem o motivo das piadinhas. Vou continuar minha aula e depois conversaremos. – disse o professor de maneira firme.

O professor falou sobre as diferentes formas de contato, adaptação ou exclusão entre populações em diferentes tempos e espaços. Ele citou o exemplo de como o Brasil foi construído com a mistura das três raças presentes em nosso território: os índios, que são os nativos, ou seja, os primeiros moradores, os portugueses, que aportaram no Brasil atrás de ouro e riquezas, e os negros, que foram sequestrados em suas terras, na África, e foram escravizados por mais de 300 anos, longe de suas casas e de sua terra natal.

Todos ouviram em silêncio, Malaika sentiu uma tristeza ao imaginar quanto sofrimento e dor já havia passado pela História do Brasil. Sua imaginação a leva para longe. Imagina-se uma princesa africana que, num belo dia, é sequestrada com toda sua família e tem que viver num mundo totalmente diferente e distante de tudo que ela conhece e ama.

O professor fala alguns detalhes da vida em um navio negreiro, nome dado aos navios em que os africanos eram transportados para serem escravizados em várias partes do mundo, não só aqui no Brasil. Ele chega a dizer que o navio era seguido por tubarões de tão dura que era a vida dos homens, das mulheres e das crianças negras aprisionadas no porão e que, muitas vezes, não resistiam à viagem, à falta de comida e higiene e morriam. Quando isso acontecia, os recém-escravizados eram jogados ao mar e, por isso, a rota dos tubarões acompanhava os navios negreiros.

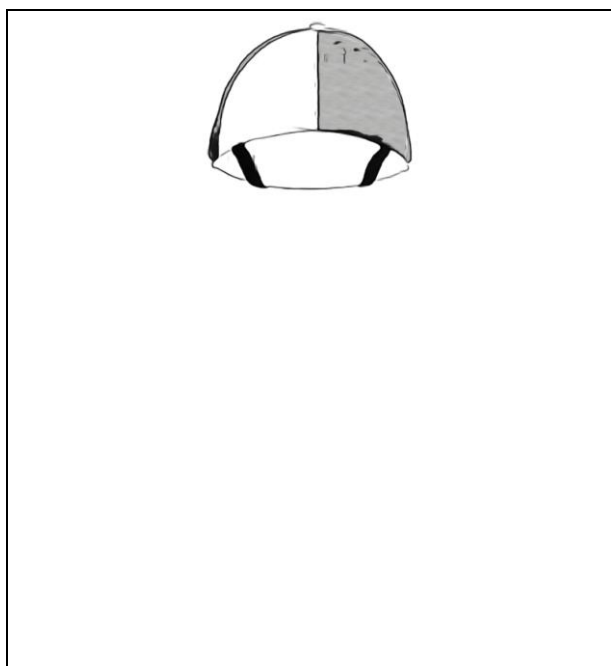
— Que horror, professor! Eu nunca imaginei que tivesse sido tão horrível! – exclama Malu com os olhos cheios de lágrimas.

— E as pessoas negras sofreram quando vieram e sofrem até hoje, não é, professor? – pergunta Malaika com uma tristeza enorme nos olhos.

— Sim, Malaika. Pensando no futuro: o que podemos fazer para que isso nunca mais se repita? – pergunta Rafael e ele mesmo responde:

— Devemos nos colocar no lugar do outro e ver que somos também responsáveis por compreendê-lo, respeitar sua cultura, sua história, seus hábitos, suas características físicas, porque não somos iguais, é verdade, mas isso não torna ninguém melhor ou pior. Somos apenas diferentes! Imaginem se todos tivessem a mesma feição? Todo mundo com a cara do Kiko, personagem do programa Chaves!

A turma toda ri e começa a desenhar uns aos outros com a cara do personagem citado pelo professor:



Rafael entra na brincadeira também e dá um tempo para os alunos se divertirem. No final da aula, o professor aproveita o momento de descontração para falar sobre a importância da representatividade na vida de cada um e passa no quadro uma questão:

<b>O que significa representatividade? Pesquise o conceito e escreva abaixo:</b>
<b>Você se sente representado na escola e nos locais em que frequenta?</b>
<b>Por quê?</b>



# Capítulo 3

Malaika está amando sua nova escola. Sente-se bem em sala de aula. Os professores estão sempre atentos a qualquer demonstração de racismo ou *bullying* e os pais e responsáveis já sabem a postura da escola de total intolerância a atos de preconceito em suas dependências ou imediações. A garota sente como se já estudasse ali há anos e não há apenas algumas semanas.

No começo do ano, a coordenação faz uma reunião geral com pais, alunos e funcionários da Escola Municipal Maria Firmina dos Reis, distribui uma apostila e discute com todos a filosofia escolar, as regras de convivência, os projetos pedagógicos do ano inteiro e informa à comunidade escolar que cada um é livre para seguir suas crenças sem críticas ou perseguições por causa disso. Aqueles que não se adaptam ao processo acabam trocando seus filhos de escola.

Quando algum ato de intolerância acontece, os pais ou responsáveis dos alunos envolvidos são chamados imediatamente para uma reunião a portas fechadas com toda a equipe pedagógica, o diretor e a psicóloga da escola. Malaika percebeu logo que a escola não deixava de ter seus conflitos, mas todos eles eram discutidos e resolvidos da melhor forma possível, e isso a deixava mais confiante e confortável para reclamar caso se sentisse maltratada ou com medo de apanhar, o que acontecia em sua antiga escola. Ela não tinha mais receio de ser perseguida ou mesmo excluída. A garota foi acolhida em sua nova classe como nunca o fora.

Apenas um mês após ter entrado na MARFI, era como os alunos chamavam a escola, Malaika já fez algumas amizades e até tem sua própria turma. Seus mais novos *best friends*<sup>1</sup> são bem diferentes uns dos outros e não se desgrudam nos intervalos.

Lorena, uma menina gordinha de cabelos pretos, que anda numa cadeira de rodas *superfashion*, cheia de fitinhas e adesivos do BTS<sup>2</sup>; Marcos, um menino lindo de olho puxadinho e cabelo preto e liso, que contou para elas que era descendente de uma tribo indígena que há séculos tinha uma aldeia no território que hoje é a cidade onde moram; Tati, uma garota

---

<sup>1</sup> Expressão em inglês que significa melhores amigos.

<sup>2</sup> Famosa banda coreana de garotos.

muito carinhosa que amava abraços e que Malaika, mais tarde, ficou sabendo que tinha Síndrome de Down. Malaika não entendeu bem que síndrome era essa, mas achava Tati a pessoa que dava os abraços mais gostosos do mundo inteiro. Malu, sua primeira amiga, a mais palhaça de todas, que vivia desenhando e inventando coisas legais para fazerem, seu cabelo era bem louro, magrinha e tinha manchinhas pelo corpo que se chamavam vitiligo. Malaika está muito feliz com sua turma, vive escrevendo histórias de aventura sobre todos. Sua mãe diz que ela tem a cabeça na Terra e na Lua ao mesmo tempo.

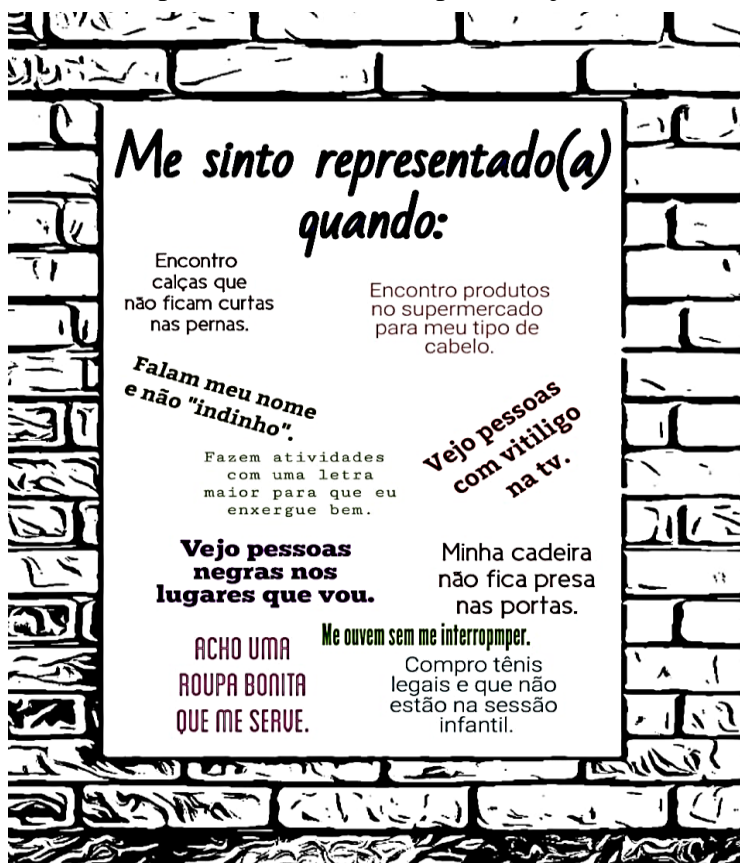
Na aula de Língua Portuguesa, no dia marcado pela professora Bete, os alunos apresentaram o significado de seus nomes em cartazes feitos em casa; pela primeira vez, Malaika não se sentiu tão mal com o seu. Conheceu vários nomes bem diferentes também; e o significado ou a história de como foram escolhidos pelas famílias foi até parar no jornalzinho da escola que a professora de Artes fazia todos os meses com os alunos do nono ano.

Nas aulas de História, depois de pedir para que cada aluno lesse o resultado da sua pesquisa sobre representatividade, o professor Rafael fez um cartaz, colou na parede da sala e pediu para que cada aluno escrevesse uma frase.

— Imaginem viver em um mundo em que você não vê ninguém parecido com você nas revistas, nas escolas, na TV, nas redes sociais! Assim, você não se sentiria representado em nenhum lugar. Para

alguns, é algo até difícil de pensar, porque é tão comum ver pessoas iguais em todos os lugares que você acha normal a ausência de diversidade. Como se as pessoas fossem todas iguais no Brasil. — disse o professor.

— Agora, vamos pensar nos indígenas brasileiros, eles se veem representados em todos os lugares que vão? Nos programas de televisão, na *Internet*? Ou, na maioria das vezes, são representados apenas nos livros de História?



Malaika e sua turma tentam lembrar quantas vezes viram indígenas brasileiros e não conseguem. Alguns nunca tinham visto nenhum pessoalmente, além de Marcos. Apenas nos livros do professor Rafael.

O professor cita também o exemplo dos negros que estão conseguindo conquistar seu espaço aos poucos, contudo, ainda não são vistos com frequência em profissões e lugares de destaque. Rafael fala sobre pessoas com alguma deficiência física ou intelectual, pessoas surdas e cegas. Ele leva os alunos a pensarem o porquê de não vermos essas pessoas nas mídias sociais.

A menina fica surpresa porque nunca notou isso, como a maioria de seus amigos. Como se cada um só tivesse olhos para seu próprio umbigo, como dizia seu falecido avô. Ela mesma nunca reparou se já havia visto alguém com Síndrome de Down ou com vitiligo nas séries, novelas e nos canais que seguia, nem pessoas que andassem em cadeiras de rodas.

— É, professor, no Brasil, muita gente não tem representatividade. — constata Malu, que só conseguia se lembrar de uma participante de *reality show* que tinha as mesmas manchinhas que ela.

Todos ficaram comentando sobre o assunto após a aula do professor Rafael. Ele sempre os fazia pensar sobre o mundo.

A próxima a entrar na sala foi a professora de Artes, Luísa. Ela é baixinha como Malaika e tem os olhos verdes, cabelos cacheados e a pele bem clarinha. Ela conta à turma que, em março, costumam comemorar o dia de nascimento da escritora que dá nome à escola, Maria Firmina dos Reis.

Malaika ama ler, devora os livros, mas nunca havia ouvido falar sobre essa escritora que tinha o mesmo nome da sua avó.

— Bem, turma, hoje vou passar um trabalho para vocês juntamente com a professora Bete e o professor Rafael. — diz a professora com os olhinhos brilhantes. Diziam os “fifis<sup>3</sup>” da escola que ela tinha um “*crush*<sup>4</sup>” no professor.

Os alunos que sabem do interesse da professora soltam assovios, o que deixa Luísa com as bochechas bem vermelhas. Meio sorrindo, meio fazendo cara de brava, ela passa uma pesquisa para turma sobre a escritora que eles ainda não conhecem, mas logo irão conhecer.

**Pesquise na *Internet* quem é Maria Firmina dos Reis e qual sua importância para a história do nosso país:**

---

<sup>3</sup> Gíria que indica que uma pessoa é fofoqueira, mas sem maldade. Pessoa que gosta de comentar sobre a vida alheia.

<sup>4</sup> Estar interessado em alguém. Idealização amorosa.

Maria Firmina dos Reis	Desenhe ou cole uma gravura de Maria Firmina.

# Capítulo 4

Toda a alegria que Malaika sente em sua nova escola vai embora aos finais de semana. Sua mãe, Gisele, recebe sua família em casa, e eles não são nada legais com a garota. Quando Gisele não está por perto, soltam piadinhas racistas e debocham da menina. Malaika não tem coragem de contar o que acontece. E se a mãe não acreditar?

As primas entram no quarto dela sem pedir, mexem em suas coisas e nunca deixam que participe das conversas e brincadeiras. As tias querem que a menina cuide das crianças menores e que faça tudo que elas mandam. Malaika não se sente em sua própria casa quando está perto deles. Sente-se “a coitadinha que vive de favor”. Como já havia escutado a mãe de Gisele falar.

Gisele faz questão de dizer que Malaika é sua filha. A mãe biológica a havia escolhido para tomar conta da menina caso ela faltasse, o que, infelizmente, aconteceu. Mas a família dela não parece ver assim, sempre inventam novas maneiras de maltratar a garota e fazem isso de forma tão sutil que quem olha de fora não consegue perceber facilmente.

— Ei, menina! – diz a avó – Vá lá no seu quarto e pegue aquele *notebook* que minha filha te deu para suas primas usarem. Vá rápido!

Malaika ferve por dentro, mas, como sempre, levanta para fazer o que a megera quer. Nesse momento, sua mãe Gisele entra na sala com uma travessa quente de lasanha.

— Aonde você vai, filha? Já vou servir o almoço.

— Querida, Malaika ia pegar o *notebook* novo que você deu a ela para mostrar para as priminhas. Essa menina é um amor, filha! – responde a senhora mentindo.

As bochechas da menina ficam vermelhas de raiva, mas ela não fala nada, não tem coragem, mas se odeia por isso. Fica quieta mais uma vez e deixa que Gisele acredite em tudo que falam.

— Depois vocês brincam, filhota. Agora vamos almoçar. Ajude-me a trazer os pratos para a mesa. – sorri Gisele, feliz por sua família ter aceitado tão bem Malaika.

O almoço transcorre como todos os outros. A família de Gisele evita sentar ao lado da menina fazendo cara de nojo, como se ela tivesse alguma doença contagiosa que pudesse contaminá-los. Não tocam nos mesmos talheres que ela e estendem os copos para ela quando estão vazios para que ela os encha. Tratam-na como uma empregada com o sorriso mais falso do mundo inteiro e os olhos debochados.

Às vezes, Malaika acha que a mãe percebe tudo e não faz nada. Parece impossível que ela não perceba. Como, em dois anos, não tenha flagrado nenhum dos beliscões que leva das tias, nenhum empurrão que as primas lhe dão, o fato de elas sempre estarem mexendo nas coisas dela, mas sem ela por perto? E o pior, como ela pode não perceber a cara que a avó faz todo momento em que está perto de Malaika? Dúvidas passam pela cabeça da menina e entristecem seu coração.

Essa história de chamar as irmãs da mãe de tias, as sobrinhas de primas e a mãe de avó é uma coisa que Malaika detesta. Lembra como foi difícil chamar Gisele de mãe. Só conseguiu porque ela sempre lhe deu tanto amor que, quando percebeu, já estava chamando. A madrinha abriu mão de tanta coisa para ser sua mãe, teve que voltar de um intercâmbio fora do Brasil para tirá-la do abrigo em que foi parar depois da morte dos pais. Seus avós maternos já haviam falecido e ela não tinha mais ninguém. O pai não tinha parentes conhecidos, tinha crescido em um orfanato. Então, quando os pais biológicos de Malaika morreram, ela ficou completamente sozinha e teria crescido no abrigo se sua madrinha não tivesse aparecido para lutar por sua guarda.

Na segunda-feira, Malaika acorda desanimada para ir à escola. O final de semana acaba com o bom humor dela. Sente-se arrasada quando a família da mãe vai embora.

Ela vai para a MARFI, assiste às aulas bem quieta, sem o sorriso que costuma ter no rosto, e fica dentro da sala no horário do recreio, diz para as amigas que irá estudar. A coordenadora Dandara, ao passar pela porta, vê a garota debruçada em sua mesinha escolar de olhos fechados e entra para ver se há algum problema, se algum aluno está perturbando-a. Dandara não espera que os alunos vão até ela, sai pelo pátio atenta a tudo que acontece. Sabe

que muitas crianças se sentem envergonhadas em pedir ajuda e sofrem caladas, como ela mesma fazia no passado.

— Oi, anjo! – diz Dandara, que passou a chamá-la assim depois de saber o significado do nome de Malaika. – Por que você está aqui sozinha? Aconteceu alguma coisa, linda?

Quando ouve essas palavras, toda vontade acumulada da menina de chorar explode de uma vez só e as lágrimas começam a escorrer por seu rosto. Ela tenta esconder a tristeza, não quer que a coordenadora perceba, mas é impossível. São tantas lágrimas que começam a manchar a capa de seu caderno.

— O que aconteceu, anjo? Vem comigo para minha sala. Vamos conversar.

Malaika enxuga o rosto e segue a coordenadora. O corredor está vazio. Todos os estudantes estão no pátio externo e ninguém vê a cena. A menina sente-se aliviada por isso, odeia chorar em público.

Ao chegarem na coordenação, Dandara fecha a porta para não serem interrompidas e começa a conversar com a menina. A coordenadora tem um jeito tão gentil de tratar as pessoas e parece realmente interessada em ajudar que a garota conta tudo que está acontecendo em sua vida desde a morte dos pais. Conta sobre como a Covid-19 os levou em pouco menos de um mês, da tristeza, do medo que sentiu.

Conta sua ida para um abrigo. O medo de se ver sozinha no mundo em um lugar cheio de estranhos que não eram muito amigáveis. Conta da madrinha que voltou do intercâmbio para ficar com sua guarda. Fala da família da madrinha que parece não querer uma garota negra na família e a trata com nojo e ódio. Conta tudo que está escondido bem no fundo de sua alma, faz um grande desabafo.

Dandara ouve tudo com lágrimas nos olhos e muita revolta no coração. Não é justo que uma menina de onze anos passe por tanto sofrimento e, ainda, tenha que lidar com o racismo de forma tão cruel.

— Malaika, se você quiser eu chamo sua mãe para conversar.

— Não, coordenadora. Ela vai ficar muito chateada em saber que contei para você em vez de contar para ela. – respondeu a menina mais calma.

— Você está sendo vítima de racismo, anjo. Dentro de sua própria casa. Isso é mais comum do que as pessoas pensam. No Brasil, diferente de outros países, tem um tipo de racismo muito difícil de se combater, é o racismo estrutural. Ele recebe esse nome porque está dentro da estrutura da nossa sociedade, ou seja, ele faz parte da sociedade. – explica a coordenadora.

— Como assim? Não entendi. – fala a menina bem confusa.

— Você já notou que pessoas negras são vítimas de muitas injustiças e tragédias que raramente são punidas? E o pior, muitas vezes, nem aparecem no jornal? – pergunta Dandara.

— Sim, coordenadora. Eu me lembro de vários casos de injustiça contra pessoas negras, como o de George Floyd, nos Estados Unidos, o de Miguel, que caiu do prédio aqui no Brasil, e, também, o caso dos três meninos que desapareceram e foram encontrados mortos. – relembra Malaika, que sempre prestava muita atenção nas notícias envolvendo pessoas negras.

— Isso, Malaika. Lucas, Alexandre e Fernando eram os nomes dos três meninos desaparecidos e mortos. Nem todo mundo presta atenção às notícias assim. Nós prestamos porque tem a ver com a gente. Pessoas negras como nós não nos passam despercebidas e suas histórias mexem com nossas emoções, nos dão raiva das injustiças, não é? – continua Dandara.

— O racismo está tão dentro da nossa sociedade que faz parte da base dela. Como se fosse um dos componentes do cimento com que levantamos uma casa. Muitas pessoas internalizaram a ideia de que o negro é inferior, que merece sofrer mais, que seu lugar é em trabalhos que recebem menor remuneração e que é pessoa de segunda classe. – cita a coordenadora com uma expressão triste e revoltada.

— Mas, por que, Dandara? O que foi que nós fizemos para não gostarem da gente? – pergunta Malaika engasgada pela tristeza.

— Nós não fizemos nada, anjo. Fizeram com a gente. Os poderosos do mundo pensam igual. Para eles, separar o mundo em pequenos grupos é muito mais fácil para dominá-lo. Um grupo deve ter privilégios e conseguir as coisas com um pouco mais de facilidade, os outros grupos devem ter desvantagens e passar a vida lutando para serem vistos como iguais. Como os poderosos sempre foram dos países mais ricos e esses países são de pessoas brancas, nós, negros, que somos e sempre seremos diferentes deles, fazemos parte de um grupo que sofre as consequências disso. – prossegue a coordenadora.

— Mas isso não quer dizer que somos inimigos uns dos outros. Muitas pessoas brancas nem ao menos sabem que são privilegiadas apenas pela cor da pele. Muitas também sofrem por estarem em outras categorias com desvantagens no mundo, como, as mulheres, os indígenas, os pobres, as pessoas com deficiência e tantas outras. – diz Dandara.

— Por isso é tão importante que todos conheçam o que é o racismo, o que é o preconceito e como ele atrasa não só o progresso do negro, mas do mundo todo. Enquanto brigamos uns com os outros por direitos básicos, pela educação, pela história e pela cultura, o mundo continua sendo um lugar de injustiças e pobreza. Os poderosos continuam a olhar lá de cima, da pilha de dinheiro que juntaram e que deveria ser de todos. As pessoas sofrem com as desigualdades



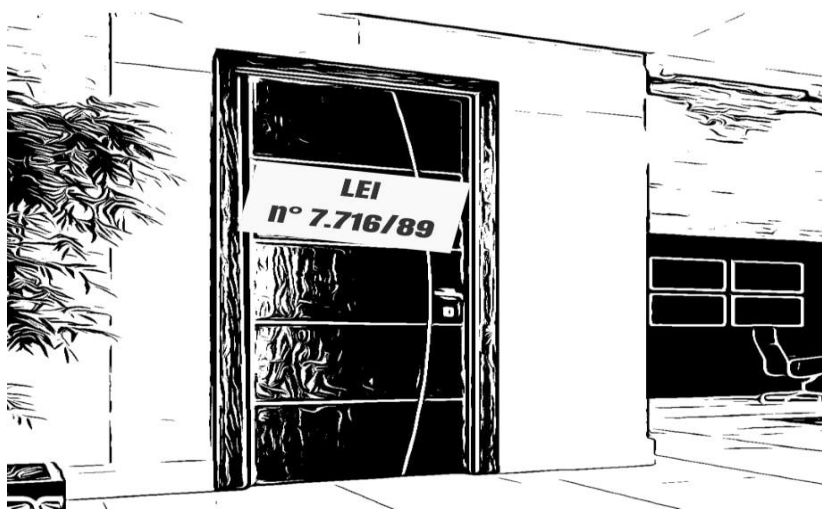
sociais e se matam por quase nada, tamanha é a pobreza a que estão submetidas. – conclui a coordenadora.

Malaika ouve o que Dandara fala, apesar de não ter entendido tudo tão bem, fica admirada com as palavras dela. Então, o problema de tudo não está nela, está no mundo.

Após Malaika conversar com seus amigos, desabafar sobre a situação em casa e falar tudo que Dandara havia lhe dito, Lorena, que é a “viciada em séries” da turma e sempre tem ideias bem malucas e criativas, dá uma sugestão que é aplaudida por todos.

Malaika não tem coragem de contar para mãe o que estava sofrendo em casa, é muito tímida e precisa de terapia para lidar com isso, segundo Malu, que sempre ouve a mãe falar coisas assim para suas amigas mas, com a ideia de Lorena, ela contará sem precisar dizer uma palavra.

Na sexta feira, antes de sair para escola, Malaika deverá pegar uma folha branca, um pincel preto e escrever o que a amiga sugeriu. Em seguida, colará na porta de seu quarto e sairá antes que Gisele veja.



A ideia de Lorena foi pesquisar a Lei Nacional

contra o Racismo e colocar na porta do quarto. Não é possível que a mensagem não fique bem clara para a família de Gisele que sempre se diz por dentro das leis do país.

LEI N. 7.716/89=

# Capítulo 5

A Escola Municipal Maria Firmina está bem agitada naquela sexta feira. Todas as turmas terminam os preparativos para a festa de aniversário da escritora que, como eles descobriram nas pesquisas, havia falecido em 1917, mas é uma figura importante demais para ser esquecida. Os alunos passam sorrindo com os olhos, porque a boca continua coberta pela máscara, conversam animados, loucos pelas comidas gostosas e pelas apresentações teatrais preparadas para a comemoração no dia seguinte.

A escritora nasceu no dia 11 de março, porém a escola irá fazer uma grande festa no sábado, dia 12, para que os pais e responsáveis que trabalham durante a semana possam comparecer e assistir às apresentações de seus filhos. A festa irá homenagear não apenas a escritora, que é uma personalidade negra importantíssima, como também a cultura negra brasileira.

Durante semanas, os meninos e as meninas pesquisaram em grupos divididos por sala:

Cinco pessoas negras importantes para História do Brasil e o que elas fizeram.
1.
2.
3.
4.
5.

De quais países veio a maioria dos negros sequestrados pelo tráfico negreiro e como foi sua chegada ao Brasil:


Pesquise, escreva o nome de, cole figuras de ou desenhe				
5 instrumentos musicais originários da África:				
5 comidas típicas originárias da África:				
5 palavras utilizadas pelos brasileiros que têm origem africana:				

Os estudantes descobriram muitas coisas que não sabiam. A cultura negra e a história são realmente riquíssimas! Malaika, em anos de estudo em outras escolas, não sabia metade do que ficou sabendo na MARFI. Ficou muito feliz em ver todos comentando sobre a história do povo negro. Durante todo o trabalho, sentiu um calorzinho bom por dentro, algo que não se lembra de já ter sentido na escola. Conversando sobre isso com Dandara, a coordenadora lhe disse que esse sentimento era um baita orgulho por tudo que seus ancestrais fizeram e fazem pelo Brasil e pelo mundo.

Malaika descobriu, em suas pesquisas, vários tipos de penteados que poderia fazer em seu cabelo e que o problema não era a textura dele, nem seu volume. O problema de verdade era o preconceito de algumas pessoas que acham que todos têm que ser iguaizinhos, da mesma cor, com o mesmo tipo de corpo, altura, sotaque e tudo mais.

– Eu sou única e linda do jeitinho que sou! – pensa a menina com orgulho de si, enquanto cola em um cartaz a foto do seu casal famoso preferido, Lázaro Ramos e Taís Araújo, para ilustrar um poema da escritora brasileira Conceição Evaristo que, em 2022, concorreu a uma

vaga a Academia Brasileira de Letras <sup>5</sup>. Conceição teve uma das maiores campanhas populares para que ganhasse, mas acabou perdendo. Em sua pesquisa, Malaika descobriu que sua candidatura à vaga expôs a falta de representatividade negra na Academia, que só teve três escritores negros: Machado de Assis, Domício Proença Filho e Gilberto Gil, mas nenhuma mulher negra.

Ao saber disso, Malaika resolveu acrescentar essa informação ao seu cartaz e pesquisou quem é Conceição Evaristo e outras quatro escritoras negras, duas brasileiras e duas de outros países.

Conceição Evaristo:
Carolina Maria de Jesus:
Lélia Gonzales:
Maya Angelou:
Chimamanda Ngozi Adichie:

Eram tantas escritoras incríveis que foi até difícil para Malaika escolher só essas cinco. Infelizmente, precisou deixar de fora escritoras como Alice Walker, Toni Morrison, Angela Davis e tantas outras maravilhosas. Malaika sente-se outra pessoa e fica impressionada com isso. É fácil ir à escola e é divertido. Quem diria?! Nunca imaginou que isso fosse possível. Ainda recebe um ou outro olhar enviesado de gente racista, mas se sente tão protegida que não abaixa mais os olhos. Se recebe olho torto, encara sem medo, porque sabe que a errada não é ela. Errado é quem se acha melhor por causa da cor da pele ou de quanto dinheiro os pais têm na carteira.

---

<sup>5</sup> Instituição cultural criada para cultivar a língua e a literatura brasileira.

Malaika irá dormir na casa de Malu para terminar os trabalhos e, felizmente, não terá que ver a família da mãe no jantar. Está animada demais para ter que lidar com eles.

Seus amigos e ela estavam loucos para saber se a Lei 7.716/89 que deixou colada em sua porta faria algum efeito ou passaria batida, mas não hoje. Hoje, só querem conversar e terminar seus cartazes para a festa da escola. Amanhã, pensariam nisso.

Malaika, Lorena, Tati e Malu acordam cedinho no sábado. Dormiram todas acampadas no quarto de Malu, conversando, ouvindo K-pop e rindo bastante.

A mãe de Malu busca Marcos para tomar café com as meninas para darem os últimos retoques em seus trabalhos. As garotas e o garoto conversam sobre como irão vestidos e Malaika lembra a todos da fala de Dandara quando alguns alunos perguntaram se deveriam ir “fantasiados” para a festa:

— Gente, a pessoa negra não é um personagem para que vocês se vistam de determinada maneira em uma festa sobre a cultura negra! Eu sou negra, o diretor é negro, a professora Bete e o professor Rafael são negros e cada um de nós tem seu próprio estilo. Não existe um uniforme, uma fantasia para representar a pessoa negra. Por favor, não venham com perucas de cabelos afros porque nosso cabelo não é para ser visto como adereço, ele faz parte da nossa personalidade, da nossa cultura. Vocês já devem ter percebido que filmes e novelas mostram a pessoa negra de maneira negativa, preconceituosa, muitas vezes exagerando nas ações e nas características físicas, criando assim uma visão caricata<sup>6</sup> da pessoa negra. – esclareceu Dandara.

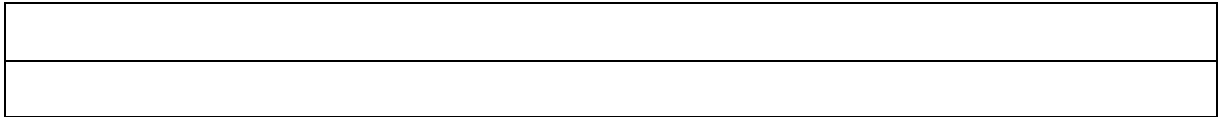
— Muitos personagens negros da minha época de infância mostravam o negro só nessa visão caricata e preconceituosa. Como se todos negros fossem beberrões, malandros, trapaceiros ou faltassem dentes e andassem sempre descabelados por aí. Ainda bem que, após anos de luta, já possuímos personagens que nos representem de forma mais positiva e bacana. – concluiu a coordenadora.

Vários personagens de televisão e filmes vieram à cabeça de Malaika no momento. Personagens cujos nomes já foram usados como xingamentos e *bullying* contra ela. Vários alunos começaram a citar personagens caricatos que mostravam o negro de forma negativa e personagens incríveis que mostravam de forma positiva.

Personagens com visão negativa da pessoa negra:
Personagens com visão positiva da pessoa negra:

---

<sup>6</sup> Forma de apresentar uma pessoa em situações cômicas e de forma grotesca ou exagerada.

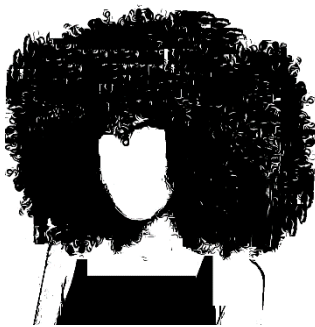


Marcos interrompeu o pensamento da menina exclamando:

— E isso acontece com o povo indígena também! Já cansei de ver gente com pena na cabeça e tanga no Carnaval e no Dia do Índio. AAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAA.

Todos concordaram e decidiram ir com roupas coloridas para representar toda alegria e exuberância do povo africano.

Nessa hora, Gisele chegou para buscar Malaika. A mãe havia marcado hora para ela em um salão especializado em cabelos crespos e cacheados. A menina estava muito animada para ir. Já gostava um pouco mais dos seus cabelos e queria deixá-los crescer sem química para, quem sabe um dia, ficarem iguais da coordenadora Dandara.



No salão, a cabeleireira negra com um *black power*<sup>7</sup> incrível passou dicas para a menina e para sua mãe. Disse que o cabelo não pode ficar molhado constantemente, porque a raiz enfraquece, além de o fio ficar muito ressecado. Como o cabelo crespo é mais fino e menos oleoso, pode quebrar muito e até cair sem uma hidratação adequada e uma secagem correta.

Malaika percebe que anda fazendo tudo errado com o seu cabelo. Nessa onda de abaixar o volume, está só maltratando seus fios e ressecando-os.

— Nunca mais eu vou molhar meu cabelo o tempo todo para os outros não falarem do volume! – diz para Gisele.

— Era por isso que eles estavam sempre molhados, filha? – pergunta a mãe surpresa. – Seu cabelo é lindo e quem tem que gostar dele é você. Se alguém te disser que não gostou, manda tomar conta da própria vida que é melhor.

As duas chegam em casa rindo. Malaika vai direto para o quarto olhar no espelho como havia ficado seu penteado. A menina ama o que vê. A cabeleireira fez várias trancinhas e colocou xuxinhas coloridas nas pontas. A menina, pela primeira vez na vida, sente-se



---

<sup>7</sup> Também conhecido como cabelo afro, o cabelo *black power* (poder negro) caracteriza-se por fios sem definição, pontas repicadas, muito volume e formato arredondado. Mais que um penteado, foi adotada pelos negros como uma forma de resistência aos preconceitos e de identidade negra.

linda. Sabe que todos irão elogiá-la e seus amigos ficarão tão orgulhosos quanto ela.

Quando Malaika sai do quarto com um vestido colorido, sua máscara do Pantera Negra e suas trancinhas balançando, encontra Gisele na sala esperando por ela.

— Minha filha, sente-se aqui um pouquinho. Ainda está cedo, vamos conversar. — chama a mãe com um sorriso triste e envergonhado.

Malaika senta-se ao lado dela no sofá e fica calada. Já imagina sobre o que seria essa conversa.

— Por que você pregou a lei contra o racismo em sua porta, Malaika?

A menina permanece calada, olhando para as próprias mãos. Não sabe bem o que responder.

— Foi por causa das pessoas que vêm aqui em casa, filha? — insiste a mãe e seus olhos se enchem de lágrimas quando a menina concorda com a cabeça.

— Me perdoe, filha. Eu prometi para sua mãe que a protegeria de toda maldade e falhei com você. Deixei você ser maltratada dentro de sua própria casa. — soluça Gisele.

— Mas você não sabia, mãe. — Malaika tenta consolá-la.

— Eu sentia, amor. Apesar de nunca ter visto ou ouvido nada. Eu sentia, mas preferi fingir que não estava percebendo. Preferi ignorar e fingir para mim mesma que a pessoa que me criou e as pessoas com quem eu cresci não seriam capazes de fazer mal a alguém. Eu preferi fechar meus olhos a acreditar que minha família era racista e estava te maltratando bem debaixo do meu teto! — o choro corre livremente pelo rosto de Gisele.

A menina fica calada segurando a mão da mãe. Em uma das suas aulas, o professor Rafael havia dito que o brasileiro, muitas vezes, mesmo sendo racista, finge que não; fica escondido atrás da tal fama de o Brasil ser um país com democracia racial<sup>8</sup>.

Rafael deixou claro sua opinião de que essa democracia que tanto dizem, para ele, era uma grande enganação, afirmando para a turma:

— Como podemos ser todos iguais se as pessoas negras ainda são o maior número de presos, de pessoas sem acesso à escola e em empregos mal remunerados? Quantas pessoas negras em cargos importantes vemos ao nosso redor, na televisão, nas revistas, na *Internet*? Em um país com uma grande população negra como é o Brasil, como vemos tão poucos negros bem-sucedidos por aí?

Malaika pensa nisso tudo enquanto consola a mãe. “Era disso que o professor falava.” — constata ela. “No Brasil, ninguém é racista, mas muitos desviam de um negro quando estão

---

<sup>8</sup> Ideia difundida por muitos brasileiros de que, no Brasil, todas as pessoas são tratadas iguais, independentemente de sua raça.



andando na rua, muitas pessoas são seguidas dentro de lojas e *shoppings* por causa da cor. Sem fazerem nada, já são consideradas suspeitas!”

— Mãe, eu entendo que, para a senhora, não é fácil saber que veio de uma família preconceituosa, que maltrata as pessoas negras. Mas você não é assim! Você voltou para o Brasil para tomar conta de mim. Sempre está ao meu lado. Sofre comigo. Você é minha mãe e eu te amo. – diz a menina para Gisele.

Gisele a abraça emocionada e conta que, na noite anterior, mostrou a Lei para a família e teve uma conversa séria com todos. Eles negaram. Os preconceituosos quase sempre negam que o são. Mas Gisele disse-lhes que, onde não cabia Malaika, não a cabia também. Pediu para não irem mais à casa dela até que melhorassem como seres humanos e começassem a tratar sua filha como ela realmente merecia ser tratada.

Malaika sentia-se culpada por afastar a mãe da família, mas ela lhe disse que sua família era ela e que está se afastando da mãe, das irmãs e dos sobrinhos não por causa da menina, e sim por causa deles mesmos e suas cabeças preconceituosas.

As duas abraçam-se e prometem contar tudo uma à outra para que nunca mais sofram por causa de terceiros.

— Vá lá, filhota! Aproveite a festa da escola. Daqui a pouco, vou para lá ver sua apresentação. – fala a mãe com um sorriso mais leve.

Malaika enxuga suas lágrimas, retoca seu brilho labial e sai para escola. Sente-se bem consigo mesma, sente-se bonita como ela é e com uma vontade imensa de mostrar para esse mundo inteiro que ela é capaz de fazer e ser tudo o que quiser.

— Não será fácil, mas eu agora confio em mim. Tenho leis que me apoiam e pessoas que me amam e lutarão sempre comigo. – pensa a menina, sentindo-se uma princesa, ou melhor, uma guerreira africana, pois sabe que não será fácil. Chorarà muitas vezes ainda, mas nunca mais parará de lutar por si mesma e por todas as pessoas negras do mundo.

Perdida em seus sonhos, a garota leva um baita tropeção, atrapalhando a cena de protagonista de filme que imagina. Sorri de si mesma e segue de cabeça erguida. Ela está aprendendo que para ser uma verdadeira heroína não precisa ser perfeita.



## Ficha Literária – Malaika (livro paradidático)

Nome: _____		
Idade: _____		
Sexo: ( ) Mas. ( ) Fem.	Cor: ( ) preto ( ) branco ( ) pardo ( ) amarelo ( ) indígena	Data de avaliação: ___/___/___ Série e Turma: _____

**1-** Como Malaika se sentia antes de entrar na Escola Municipal Maria Firmina dos Reis? Marque quantas alternativas quiser:

( ) feliz ( ) triste ( ) excluída ( ) solitária ( ) orgulhosa de si ( ) feia

**2-** A garota tinha orgulho em ser negra no começo da história?

( ) sim ( ) não

**3-** Em sua opinião por que ela se sentia assim?

\_\_\_\_\_

**4-** Quem foi Maria de Firmina dos Reis?

( ) uma enfermeira ( ) uma dona de casa ( ) uma escritora

**5-** Você conhecia a história de Maria Firmina?

( ) sim ( ) não

**6-** Por que ela é importante para história da comunidade negra brasileira?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**7-** O que diz a Lei 10.639/03 aprendida por Malaika em sua escola?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**8-** Você acha esta lei importante?

( ) sim ( ) não

**9-** Por que você pensa assim?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**10-** Quais assuntos você achou mais importante nas aulas de Malaika? Escreva cinco deles:

1. \_\_\_\_\_

2. \_\_\_\_\_

3. \_\_\_\_\_

4. \_\_\_\_\_

5. \_\_\_\_\_

**11-** Você gostou da história do livro?

Sim                       Um pouco                       Não

**12-** Você aprendeu coisas novas sobre a história e a cultura da África com o livro?

Sim                       Um pouco                       Não

**13-** Você já sabia, antes de ler o livro, que a cultura negra estava tão presente no nosso dia a dia?

Sim                       Um pouco                       Não

**14-** Onde você conseguiu a maioria das informações que você já tinha sobre a História e a Cultura africana antes de ler o livro “Malaika”?

Nos livros     Na escola     Na internet     Eu não sabia muita coisa.

**15-** Você acha importante que os alunos saibam sobre a História e a Cultura africana e sua influência no Brasil?

Sim             Um pouco             Não             Não sei

**16-** Você indicaria a leitura e as atividades do livro “Malaika, um anjo negro” aos outros alunos da escola?

Sim                       Não

Por  
quê: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**17-** Em sua opinião o que pode melhorar no livro?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**18-** Em sua opinião as pessoas negras são tratadas da mesma forma que as pessoas brancas na escola? Por quê?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**19-** A sua escola ensina a História da África e a cultura africana? Por quê?

\_\_\_\_\_

---

**20-** Como você acha que esse tema pode ser trabalhado nas escolas? Dê sugestões:

---

---

---

---

*Obrigada por participar desta pesquisa. Seus dados e suas respostas serão utilizados apenas pela pesquisadora levantar dados de como as pessoas da sua sala se sentem consigo mesmas e não serão divulgadas individualmente para pais, professores ou coordenação.*

Pesquisadora: Kênia Patrícia Araújo  
Orientador: Danilo Rabelo